

Pl. Arca - Professores
Univ. do Minho

Que Universidade para o Minho? (3)

CARÊNCIA DE DOCENTES EM ÁREAS CULTURAIS CONTRASTA COM ABUNDÂNCIA EM ENGENHARIAS

Por JORGE CRUZ

Ficou perfeitamente claro, nos anteriores apontamentos, que as principais dificuldades da Universidade do Minho se situam ao nível de instalações e do estatuto, este ainda inexistente. Infelizmente, porém, estas serão as principais dificuldades, mas não as únicas...

Efectivamente, existe um longo rol de carências, um rosário de problemas, que, nalguns casos, se reflectem nos aspectos pedagógicos e na própria vivência diária de docentes e discentes.

Referimo-nos já a um dos problemas resultantes da existência de dois pólos: Braga e Guimarães. Mas existem outros relacionados com o mesmo tema.

Na realidade, a questão do transporte entre as duas cidades tem vindo a levantar, principalmente entre os alunos, alguma controvérsia. Sabe-se que a viatura da Universidade, que efectua diariamente o transporte, nem sempre comporta todos quantos desejam ou necessitam deslocar-se. Assim, foi fixada uma ordem de prioridades que contempla, em primeiro lugar, os professores e, depois, os funcionários e alunos. Por outro lado, e ainda relacionado com esta questão, o facto de alguns alunos, com cadeiras atrasadas, terem simultaneamente aulas em Braga e Guimarães...

Evidentemente que esta situação se fica a dever a múltiplos factores, alguns dos quais já apontados, que obrigam alguns dos docentes a fazerem de «bombeiros», para atender a todas as solicitações. Aliás, embora o reitor em exercício, prof. Barbosa Romero, tenha referido no seu relatório que o corpo docente da Universidade se compõe, actualmente, de 16 professores catedráticos, 14 professores auxiliares, 99 assistentes, oito leitores, 21 assistentes estagiários, oito monitores e ainda dez docentes em regime de tempo parcial, além da colaboração de nove professores de outras universidades, a verdade é que, pelo menos em determinadas áreas, se constata

uma arreliadora falta de professores.

Falta de professores

De facto, e conforme nos declarou o prof. Machado dos Santos, «tem havido áreas em que temos tido muita dificuldade em recrutar pessoas». Nestes casos todavia, o presidente do Conselho Científico mostra-se convicto de que «a solução seria recrutar mais alguns professores estrangeiros, numa fase transitória».

Estas carências de professores verificam-se, sobretudo, nas chamadas áreas culturais, o que parece vir comprovar, uma vez mais, aquilo que é voz corrente na cidade e até no seio dos próprios alunos e de alguns docentes: a Universidade do Minho é uma Universidade para (e de) engenheiros. De resto, o facto de estar a funcionar um semestre de Verão exclusivamente para Engenharia parece comprovar, de algum modo, tal afirmação.

Sérgio Machado dos Santos contesta em absoluto tal ideia explicando que as áreas de Ciências Exactas e Engenharia dispõem de maior número de professores, uma vez que os docentes, vindos de Moçambique, na sua maior parte, tinham investido precisamente nessas áreas, dadas as características do território.

De qualquer forma, o presidente do Conselho Científico sempre adiantou que «enquanto há áreas em que existem inúmeros candidatos ao doutoramento, existem outras em que nós temos que pedir por favor às pessoas para irem lá para fora com bolsas da própria Universidade».

E acrescenta:

«Quando o panorama é este,

tem que haver assimetrias. Nós, de qualquer modo, estamos preocupados em não deixar acentuar estas assimetrias. A Universidade do Minho tem dinheiro como têm todas as universidades novas, para bolsas de estudo que no ano passado, foram três mil contos, temos um regulamento interno em que a primeira prioridade para conceder as bolsas é a situação da área disciplinar e da área de investigação. A seguir é que vem o «currículo» da pessoa».

E conclui:

«Nós temos, neste momento, 41 pessoas equiparadas a bolsistas num corpo docente de 170. É uma percentagem muito alta. É um esforço que nenhuma outra universidade portuguesa está a fazer».

Estas as explicações que, sobre o assunto nos foram facultadas pelo presidente do Conselho Científico e membro da Comissão Instaladora da Universidade do Minho, prof. Machado dos Santos. Mas outras questões: haverá, certamente, como as sucessivas mudanças de «currículo» em cursos como o de Relações Internacionais. Ora, sobre este problema, que tem provocado um certo descontentamento nos alunos, o nosso interlocutor encontra plena justificação no facto de se tratar de um curso novo, a funcionar em regime experimental, o que origina ajustes. De resto serão talvez estes factores que contribuem para a falta de professores nesta área, e que obriga a Universidade a recorrer a docentes estrangeiros, como agora acontece, em que um professor americano, que não domina a nossa língua está a dar aulas de formas e técnicas de expressão no seu próprio idioma...

Como se comprova pelo que atrás fica dito, os problemas que se vivem dia-a-dia na Universidade do Minho não são tão poucos como isso. E, claro, não se confinam aos que já foram expostos, conforme iremos demonstrar no nosso próximo apontamento.

A SEGUIR — Estudantes-trabalhadores não têm possibilidades de tirar cursos.